

EMANCIPAR OU NATURALIZAR? PEDOFILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA PROBLEMATIZAÇÃO DAS NOVINHAS

FERNANDO GUIMARÃES OLIVEIRA DA SILVA
MÁRCIO DE OLIVEIRA
ELIANE ROSE MAIO

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

RESUMO: A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma discussão necessária para a sociedade do século XXI. Propagada intensamente pelos meios midiáticos (*internet*, televisão etc.), ela deixa marcas traumáticas nas suas vítimas. Objetivamos discutir a pedofilização como uma prática que têm diferentes estímulos musicais como um artefato cultural que a legitima. Utilizamos pesquisa bibliográfica, problematizando seis letras de músicas que, visivelmente, elencam a criança e a adolescente – sob o codinome de “novinha” – como objeto de desejo de pessoas de mais idade. Vislumbramos com a educação sexual uma alternativa para movimentar estratégias pedagógicas contra a cultura de consumo do corpo de meninas.

PALAVRAS-CHAVE: Pedofilia. Empoderamento. Educação Sexual.

1. INTRODUÇÃO

As práticas de pedofilização¹ contra crianças e adolescentes têm sido reportadas pela mídia com maior frequência. Isso nos chama a atenção para o fato de que é muito provável que esses casos tenham aumentado (e ainda continuem aumentando preocupantemente). Paralelo a isso, os dados

nacionais apontam para o crescimento desta violência. Fato comprovado no último quinquênio, no Brasil, por exemplo, junto ao Sistema de Informação para a Infância e a Adolescência (SIPIA, 2017), que registrou 14.837 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. O referido sistema é operacionalizado pelos conselhos tutelares a fim de tornar as agendas políticas condizentes com a elaboração de ações capazes de enfrentar e combater diferentes situações de riscos e vulnerabilidades que acontecem contra as crianças e os/as adolescentes.

Outro fator relevante para se considerar é que os dados relacionados às “não-denúncias” tornam o assunto pertinente e, sobretudo, em uma sociedade em que as práticas de violência são constantemente naturalizadas na família, com diferentes justificativas para tornar o assunto silenciado.

Tomando esse cenário dolorido como pano de fundo, objetivamos, nesse texto, discutir a pedofilização, problematizando a música como um artefato cultural que parece legitimar essa prática. Discutiremos seis letras de músicas brasileiras que, de certa forma, legitimam a violência sexual contra crianças e adolescentes, incitando a objetificação de corpos de meninas crianças e adolescentes. Culturalizaram-se, no nome de “novinha”, várias músicas que relacionam os corpos infanto-juvenis às práticas sexuais “naturais”.

Para atingir o nosso objetivo, utilizamos de pesquisa bibliográfica porque partimos de “material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 1993, p. 48). Fizemos, também, a análise de letras de músicas brasileiras (três letras de estilo *funk* e três letras de estilo sertanejo) para contrastá-la com a contribuição do referencial teórico eleito.

Em um primeiro momento, discorreremos acerca de dados brasileiros sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes e, no segundo, enfatizamos as letras musicais que mencionam a prática sexual com corpos infanto-juvenis. O assunto foi atravessado com a necessidade do empoderamento das crianças e adolescentes, para se posicionarem frente às questões que envolvem os aspectos da sexualidade, por meio de práticas pedagógicas de educação sexual nas escolas.

2. DADOS BRASILEIROS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Para analisar como a dimensão que a violência sexual contra crianças e adolescentes tem sido bastante preocupante no Brasil, fizemos uma pesquisa documental junto à plataforma do SIPIA, da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Crianças e Adolescentes, do Governo Federal. Nela encontramos os dados de casos que foram registrados pelos Conselhos Tutelares, Brasil afora, no quinquênio 2012-2017.

Recorremos a estes dados, porque pensando em corresponsabilização, o Conselho Tutelar, com fulcro no artigo 136 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), tem a atribuição de receber a denúncia de suspeita, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes e representá-las, em casos que os/as responsáveis familiares sejam os/as agentes violadores/as, junto ao Ministério Público ou órgão de justiça competente.

Como parte do protocolo orientador das ações dos conselhos tutelares, o SIPIA vem para reunir um conjunto de dados relacionado a diversas situações de violação de direitos de crianças e adolescentes, oferecendo dados para que os governos elaborem ações articuladas e prioritárias em várias áreas de políticas públicas. No que se refere aos direitos violados na categoria violência sexual – abuso, evidenciamos que 7.337 casos foram praticados por pessoas da família; 4.131 casos praticados por pessoas do grupo de relações sociais de amizade; sendo 1.795 casos de estupro e 1.578 de assédio sexual (SIPIA, 2017).

A seguir apresentamos uma tabela – sobre a correspondência entre praticante, o gênero da vítima, a faixa etária e o/a agente violador/a – que elaboramos a partir dos dados da SIPIA (2017). Com esta tabela queremos evidenciar a dimensão da violação dos direitos das crianças e adolescentes, que tem sido silenciada pela sociedade e que, com isso, contribui para continuar trazendo diferentes riscos para o desenvolvimento individual delas.

Tabela 1 – Violência sexual no Brasil

Praticante	Gênero da vítima		Faixa de desenvolvimento		Agente violador/a em maior ocorrência			
	Masc.	Fem.	Criança	Adoles.	Avôs/ós	Irmãos/ãs	Pai/pad	Outras
Familiares	1237	6100	3017	3241	602	537	3912	2437
Conhecidos	1033	3098	1203	2179	-	-	-	778
Estupro	201	1590	216	1094	19	14	202	472
Assédio	254	1324	333	911	41	16	341	395

Fonte: Elaboração dos autores e da autora, 2017.

Preocupamo-nos com o fato de que familiares têm sido os/as agentes que mais violam, em número de 5.051 violadores/as, unindo avôs/as, irmãos/ãs e pais/padrastos. Soma-se a isso o fato de que em mais de 75% dos casos com ocorrência dos familiares como agentes violadores/as (6.100), as vítimas são do gênero feminino – gradativamente atenuando os casos de acordo com o aumento da idade da menina, principalmente na transição entre infância e adolescência, nas faixas entre 10 e 14 anos.

A magnitude do problema representa fragmentos de vícios históricos que estão dispersos no contexto social e que de tão naturalizados adquiriram rigidez nas relações sociais e porque não dizer, na cultura. É possível pensar que as pessoas estão acostumadas a conviver numa sociedade em que as relações de poder na governança dos corpos demarcam na condição feminina assimetrias diversas. É o caso, por exemplo, da tradicional cultura sexista brasileira, que transfere a responsabilidade dos corpos das mulheres aos homens e permite a instauração dos riscos que as conduzem ao tratamento hierarquizante que se fortalece em desigualdades de gêneros (SAFFIOTI, 2001).

O destaque para as relações de gênero na família, na concepção de Schreiner (2008, p. 2), é relevante, porque as

[...] relações de gênero na família abusiva são descritas pelos profissionais como reprodutoras de relações de dominação (do homem) e subordinação (da mulher), e a subordinação da mulher é cristalizada como natural. A função de chefiar a família é exercida pelo homem, sobre todos os membros da família.

Por conta desta relação de submissão, as meninas desde pequenas vão naturalizando situações abusivas e nem sempre as compreendem como algo errado e que não deveria acontecer (SCHREINER, 2008). O aumento da violência contra crianças e adolescentes, que tem as meninas como vítimas preferenciais, se agrava ano a ano, segundo os dados de 2015 da Secretaria dos Direitos Humanos (SDH) (SIPIA, 2017). Àquela época obteve-se um cálculo de aproximadamente 80.437, sendo que em 54% dos casos as vítimas foram as meninas.

Costa et al. (2007, p. 1136) trazem especificidades acerca dos perfis das vítimas, agressoras/es e as manifestações de violência em crianças e adolescentes. Constataram que aproximadamente 80% dos casos investigados junto a dois conselhos tutelares de Feira de Santana/BA àquela época recaíam sobre as mulheres, assim a: “[...] realidade é que muitas adolescentes encontram-se expostas, sendo violentadas geralmente por pessoas conhecidas e da própria família, por permanecerem mais tempo em seus lares”.

Pela mesma via, em sua dissertação de mestrado, Polac (2015) revelou nas entrevistas com vítimas de violência sexual que a maior parte das experiências ocorreu em ambiente familiar, sem quaisquer possibilidades de denúncia porque a situação envolve desapoio e todos/as são abatidos/as pelo sentimento da vergonha, culpa e medo. Confirmou que as condições em que convivem crianças e adolescentes junto aos contextos de violência sexual, em geral, são refletidas em outros espaços, uma vez que há mudanças de comportamentos que serão manifestadas nas relações com a escola, com os/as demais familiares. Em muitos casos, elas costumam carregar o peso negativo dos traumas em experiências futuras de insucesso (POLAC, 2015).

Há ainda que problematizar casos em que os gritos ecoam pelos silêncios de muitas crianças e adolescentes, mas não fazem parte das estatísticas. Este dado é considerado como quantitativo de “não denúncias”. Com o objetivo de assumir uma resposta para a gravidade do assunto, defendemos uma educação sexual na escola que considera um conjunto de aprendizagens para evitar que as crianças e adolescentes convivam com situações de violência sexual. Uma educação que ofereça empoderamento e autonomia para identificar quando uma situação de “afeto” se apresenta com potencial violentador. No entanto, temos percebido que a sociedade do consumo caminha para desconsiderar as conquistas que os direitos humanos alcançaram para as crianças e adolescentes. Principalmente, quando incita à naturalização da prática de violência com músicas visivelmente ameaçadoras da imagem delas.

3. LETRAS QUE INCITAM À NATURALIZAÇÃO DA PRÁTICA DA VIOLÊNCIA

As músicas, enquanto artefatos culturais, podem, de certa forma, reforçar práticas socialmente defendidas por grupos homogêneos. Pereira (2013, p. 89) destaca que a música pode representar uma “[...] possibilidade de compreensão das formas sensíveis de um grupo social, suas formas de estar juntos, seus pertencimentos e identidades em trânsito em meio às complexas lógicas desta era global”. Nesse sentido, é possível afirmarmos que existem músicas que “fazem sucesso” e músicas que “não fazem sucesso”. As que estão no primeiro grupo caíram no gosto popular e são amplamente mais divulgadas, escutadas, apreciadas; enquanto as que fazem parte do segundo grupo são as menos ouvidas.

Visando entender a potência negativa do grupo de músicas que fazem sucesso, nesse momento, analisamos a letra de seis músicas brasileiras. A escolha dessas músicas se deu de uma forma rápida: encontramos um *site*² de letras de músicas e digitamos no campo de busca a palavra “novinha”. Esta

pesquisa nos mostrou quais estilos mais exploram a figura feminina sob o nome de novinha. A partir daí percebemos que os estilos musicais variam, principalmente, entre *funk* e sertanejo. Por esse motivo, elencamos três músicas do primeiro estilo e três músicas do segundo estilo. Essa escolha se deu aleatoriamente. Abaixo, segue uma tabela expondo o nome das canções, seus intérpretes e o estilo ao qual pertencem:

Tabela 2: Músicas em análise

NOME DA MÚSICA	INTÉRPRETE	ESTILO	LANÇAMENTO
<i>Oh novinha eu quero te ver contente</i>	Mc Don Juan	Funk	2016a
<i>Vem novinha</i>	Henrique e Juliano	Sertanejo	2013
<i>Essa novinha</i>	Lucas & Orelha	Funk	2016
<i>Eu sou do corre</i>	Mc Don Juan	Funk	2016b
<i>Novinha</i>	Maycon & Renato	Sertanejo	2013
<i>As Novinhas Estão Sensacional</i>	Pedro Paulo e Alex	Sertanejo	2015

Fonte: Elaborada pelos autores e pela autora, 2017.

Como se vê, a maior parte destas músicas são recentes. Elas foram lançadas entre os anos de 2013 e 2016, o que torna o problema um assunto relevante de ser problematizado na busca de ações que possam combater o potencial ruim que podem causar na imagem de crianças e adolescentes. Estamos tratando das possibilidades de sentidos que elas trazem quando se referem de modo pejorativo às “novinhas”.

Observamos que as músicas selecionadas – e várias outras do repertório brasileiro – se referem à “novinha”, e que é bastante possível que essa referência possa ser feita a uma criança ou a uma adolescente. A partir dessa premissa, continuaremos o presente texto com a análise das músicas selecionadas.

Na letra da música *Oh novinha eu quero te ver contente* (MC DON JUAN, 2016a) nos deparamos com o seguinte trecho:

Oh novinha eu quero te ver contente
 Não abandona o peru da gente
 Que no Helipa confesso tu tem moral
 Venha aqui na favela
 Pra senta pra senta pra sentar no pau
 Pra senta pra senta pra sentar no pau (MC DON JUAN, 2016a, s/p).

A letra apresentada faz uma referência bastante visível, que pode associar o termo “novinha” com mulher nova, ou seja, podendo ser uma criança ou uma adolescente. Essa associação, entendemos, pode ser

caracterizada como uma violência sexual, porque se amplia para enunciados que tendenciam a um tratamento da imagem de crianças e adolescentes relacionado à prática sexual. Além desse trecho, a mesma música ainda apresenta a seguinte estrofe:

Então tu pega o telefone desbloqueia a tela
Vai no seu contato e procura o número dela
Pra ligar pra ela pra ligar pra ela
Hoje deu uma vontade de come a xereca dela – Oh novinha eu quero te ver
contente (MC DON JUAN, 2016a, s/p).

Fica explícita a incitação à prática sexual com a “novinha”. Evidentemente, essa caracterização cantada e aceita por grande parcela da população contribui para que se torne “natural” a prática de sexo com crianças ou adolescentes. Premissa, por sua vez, presente nas pesquisas de Jane Felipe (2006, p. 206), ao trazer que as estatísticas atuais “[...] em várias partes do mundo mostram quanto os corpos infantis têm sido usados das mais diversas formas, seja para a exploração de mão-de-obra barata [...] seja para o prazer sexual adulto”. Essa exploração contínua dos corpos infantis, de certa forma, ganha legitimidade a partir das músicas que destacam a possibilidade de uma prática.

Seguindo a análise, em outra música, observamos o seguinte excerto:

Ai novinha você vai me matar desse jeito
Eu tô viajando vendo você rebolar
Os cara tudo pira nesse seu corpo perfeito
No arrocha você sobe e desce sem parar (HENRIQUE e JULIANO, 2013, s/p).

Mais uma vez é mostrado que a “novinha” é sensual e, visivelmente, um corpo para satisfazer as vontades de pessoas adultas. Além disso, analisamos que a mesma música coloca a garota – criança ou adolescente – como culpada da sexualização de seu corpo, isso pode ser discutido a partir do seguinte excerto: “E você chega na balada cheia de má intenção / De vestido curto, chamando atenção” (HENRIQUE e JULIANO, 2013, s/p).

É importante destacar que as crianças e as adolescentes (assim como os meninos dessa faixa etária) vivenciam sua sexualidade de modos particulares e durante toda a vida, no entanto, é preciso ressaltar que é dever de todos/as os/as adultos/as protegerem essas crianças, não se aproveitando dessa situação para satisfazer suas vontades (HISGAIL, 2007). O primado do *dever* de todos/as de assegurar a proteção integral dos menores de idade foi assumido pelos documentos legais brasileiros que efetivaram os direitos humanos de crianças e adolescentes em nosso país, em especial a Constituição

da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 (BRASIL, 1990).

Outro assunto relevante de se problematizar vincula-se à associação entre os comportamentos de uma garota (que pode ser uma criança ou uma adolescente) e a presunção de que ela esteja agindo com “safadeza”. Essa situação pode ser percebida no seguinte trecho:

Essa novinha, desce rebolando
Ela é uma gracinha
Sobre no talento, ela é bem safadinha
Quando te pegar ela vai ficar na minha (LUCAS & ORELHA, 2016, s/p).

A questão da “safadeza” pode ser associada à percepção de uma pessoa adulta, inclusive porque as crianças, em sua maioria, entendemos, não têm malícia em suas atitudes. As “expressões da sexualidade” (XAVIER FILHA, 2016, p. 89) entre as crianças e adolescentes acontecem dia a dia, no entanto isso não dá direito de uma pessoa adulta violentar uma criança ou adolescente ou satisfazer suas necessidades/vontades sexuais a partir dos corpos infanto-juvenis.

Outra música selecionada para análise apresenta os seguintes versos:

Eu e a novinha
Construímos nossa história
Era sexo todo dia
Era sexo toda hora
[...]
Eu sou do corre, Eu sou do corre
E a novinha que colar comigo
Se pede selinho eu mando ir se foder
Só falo que amo se chupa meu pinto (MC DON JUAN, 2016b, s/p).

A referência de relação sexual com uma criança ou um/a adolescente se faz bastante presente na letra dessa música, ao passo que utiliza, inclusive, a palavra ‘sexo’ e faz referência ao sexo oral com bastante ênfase. O que torna o referido trecho mais polêmico é o fato de que o amor só existe se a novinha fizer sexo oral. Além disso, coloca em evidência questões da sociedade no que se relacionam ao gênero, uma vez que alimenta a ideia de que meninos gostam de sexo, já as meninas de amor. Aqui, recorreremos às pesquisas de Landini (2011, p. 14), ao enfatizar que “[...] o resultado do crime sexual não é mais a imoralidade, mas a morte psíquica; não mais a depravação, mas a quebra da identidade”. Assim, práticas de sexo com crianças e adolescentes – enfatizadas, muitas vezes, por letras de músicas ouvidas por grande

parte da população brasileira – são concluídas, geralmente, com a quebra da identidade da infância. Ferem a condição de pessoa em situação de desenvolvimento e deslegitimam o que vem sendo construído em relação à infância enquanto protagonista e categoria social própria.

As duas últimas músicas, exibem o seguinte conteúdo em suas letras:

Fica caladinha, fica caladinha
Fica caladinha e desce, desce novinha
E fica caladinha, fica caladinha
Fica caladinha e desce, desce novinha (MAYCON & RENATO, 2013, s/p).

As novinhas tão sensacional
Subindo gostosa prendendo legal
Descendo gostosa tá sensacional
Isso aqui tá gostoso tá fenomenal (PEDRO PAULO e ALEX, 2015, s/p).

Elas reportam para o fato de que os corpos infanto-juvenis, além de não poderem demonstrar vontades (devendo ficar caladinha), são associados a objetos, como se fossem um artefato que deve ser “gostoso” para satisfazer um corpo adulto. Vale ressaltar, mais uma vez, as pesquisas de Landini (2011, p. 14) quando assegura que “[...] uma criança violentada sexualmente é uma criança cuja infância foi amputada, que foi introduzida prematuramente no mundo adulto, erotizado, sexualizado”.

Para combater este problema, enfatizamos que várias são as campanhas para a tentativa de diminuição das práticas de violência sexual contra crianças e adolescentes, no entanto, há a necessidade de uma força conjunta (entre entidades, governo, população de modo geral) a fim de minimizar essa forma de violência que deixa marcas infundáveis em suas vítimas. Assim destacamos que é preciso tomar mais cuidado com as músicas produzidas, é necessário que haja certa sensibilidade em relação às letras musicais, para que não legitimem uma prática tão dolorosa: a violência sexual contra os corpos infanto-juvenis.

Conforme lembram Oliveira e Maio (2016, p. 16), “[...] é preciso fechar a mente, mas nunca os olhos para o machismo, o preconceito, a discriminação e toda forma de violência”. Fechar a mente significa, neste sentido, não ignorar, mas abominar essas práticas violentas, repelindo-as das atitudes humanas. Uma forma de assegurar que a violência sexual contra crianças e adolescentes diminua é por meio de práticas de educação sexual que trazem empoderamento e autonomia de crianças e adolescentes. Isso tem maior significado para meninas, que têm sido o gênero cujo direito mais tem sido violado.

4. EMPODERANDO A “NOVINHA”: PRESSUPOSTOS PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL

Quando dizemos sobre o empoderamento da “novinha”, nosso objetivo é problematizar se a partir do espaço que elas ocupam nas relações de gênero, o tratamento oferecido pelas masculinidades tem sido comumente respeitoso e adequado para compreender que suas decisões asseguram o domínio sobre seus corpos desprovidos de qualquer subalternidade pretensa.

Isso nos leva veementemente a fazer a seguinte indagação: as “novinhas” querem continuar sendo tratadas como os homens que produzem as músicas costumam tratá-las? Ora sob o enfoque da submissão, ora por meio de práticas limitadas às subserviências sexuais para os homens, as músicas anunciam a legitimidade das práticas que investem os corpos de sexismos e os tornam díspares – explorador e dominada (SAFFIOTI, 2001), o primeiro para o gênero masculino e o segundo para o feminino.

Fortemente incutida no cenário das relações sociais de gênero, a tendência explícita nas letras associa, deliberadamente, que o gênero feminino encontra sentido de vida servindo às masculinidades. Na busca de laços perigosos entre machismo e violência contra a mulher, Minayo (2005) afirma que os estereótipos retroalimentados em nossa cultura machista atravessam grande parte dos casos de violência contra a mulher. Os casos em que os índices se tornam alarmantes envolvem a objetificação do corpo feminino. Nesse tocante, a introdução do enunciado “novinha” como objetificação da menina adolescente desencadeia processualmente um conjunto de possibilidades que motivam as práticas sexuais com elas.

Nos estudos de Jane Felipe (2006), a autora já anunciava o cuidado que o Brasil deveria tomar com o rumo efetivo das políticas de combate à violência sexual contra crianças e adolescentes. Destacou uma contínua tendência contraditória das políticas de proteção à infância e adolescência contra a violência sexual de seguirem caminhos completamente desvinculados das práticas sociais contemporâneas de extremo consumismo. Aderia a isso a utilização dos corpos infanto-juvenis como sinônimos de desejos e extrema sensualização, e os métodos de consumo aceitos na sociedade contemporânea.

Enfatizamos que o processo de negociação entre o fenômeno cultura sexista e cultura consumista torna-se um elemento potencial de motivação das situações de violências sexuais contra crianças e adolescentes, em especial contra meninas adolescentes (“novinhas”). É o que passamos a compreender quando se considera tolerável que músicas com letras potencialmente motivadoras de violências contra crianças e adolescentes enunciam, pelo

aspecto positivo, a violação do corpo infanto-juvenil e feminino num contexto em que os índices têm aumentado significativamente.

Para criar estratégias escolares³ de enfrentamento da naturalização disso, defendemos uma educação sexual na escola que possibilite produzir autonomia e emancipação para que as “novinhas” tenham condições de decidir sobre possíveis processos de violências sexuais que podem ser praticados por quaisquer agentes violadores. Isso envolve a postura de profissionais da educação – professores/as, gestoras/es, outros/as profissionais – comprometidas/os com uma escola que protege e produz condições de empoderamento. Corroboram com esta afirmativa, Vicente Faleiros e Eva Faleiros (2008, p. 33) ao compreenderem que a “[...] escola, como formadora, tem um papel fundamental na desconstrução da violência simbólica e da cultura da inferiorização de gênero, de raça, de classe social e de geração”.

O autor e a autora acreditam que a escola tem papel relevante nos processos de identificação e também de produzir movimentos significativos para converter desigualdades sociais de gêneros em aprendizagens que terão um retorno transgressor do caldo cultural, em que o sexismo assume a vez das explicações que se instauraram sobre as relações de exploração e dominação entre as meninas e os meninos.

Em sua tese de doutorado, a pesquisadora Jimena Furlani (2005, p. 240) analisou por meio de uma proposta pós-estruturalista que a educação sexual “[...] poderia começar por apresentar-se como perturbadora de verdades que definem os campos de produção e de reprodução das relações desiguais de poder e de legitimação das hierarquias sexuais e de gênero”. Mais à frente, a autora retoma essa reflexão com um enfoque questionador; segundo ela, quando discutimos sobre ações pedagógicas dirigidas para a educação sexual, temos que nos perguntar quais os efeitos e os saberes a que pretendemos dar visibilidade ou ocultar. Discute então,

parece que a questão traz para a Educação Sexual uma reflexão didático-metodológica e política, ou seja, uma vez que as diferenças sexuais, de gênero, étnico-raciais estão sendo permanentemente construídas, significadas e hierarquizadas nos processos discursivos da cultura, há fortes implicações para uma educação que se pretende apenas “respeitá-las”, “tolerá-las” ou “compreendê-las” (as diferenças e os sujeitos subordinados). É preciso insistir na explicitação das relações de poder existentes nesse contexto social (FURLANI, 2009, p. 309).

Observamos que as reflexões que pairam sobre a educação sexual são contínuas e há que se incorporarem aspectos relacionados ao contexto em que ela está inserida. Digamos que não existe um modelo único de educação

sexual, mas uma perspectiva orientadora e vários modelos que se constroem em seu interior adequando-se às especificidades do que se pretender frisar.

A partir disso, acreditamos numa educação sexual que ofereça condições de refletir sobre o espaço em que o gênero feminino se insere na dinâmica representativa dos discursos sociais. Apensamos a essa discussão uma análise acerca da questão do gênero feminino nas músicas sobre o corpo feminino quando, por exemplo, encontramos um conjunto de discursos que são dispersos sobre o corpo feminino incluído em relações sociais em que situações de vulnerabilidades e riscos sociais são constantemente experienciadas por crianças e adolescentes de lugares periféricos. Até mesmo em outros lugares onde a apreciação dessa música torna-se inevitável.

Bonfim (2012, p. 44) apresenta as possibilidades para se desenvolver uma educação sexual escolar emancipatória. Em articulação com esta proposta, ao analisar o conteúdo das músicas citadas anteriormente, vimos que elas seriam utilizadas como recurso para problematizar como os gêneros, masculino e feminino, são compreendidos culturalmente. Assim completa que

existem diversas maneiras de desenvolver atividades pedagógicas que trabalhem a educação sexual: músicas que retratem questões e metáforas sobre a sexualidade, cenas de novela, propagandas televisivas e filmes. Com base em escritos e letras de músicas podemos provocar reflexões sobre como se deram as relações afetivo-sexuais historicamente e como elas se dão nos dias de hoje; trabalhar valores éticos e estéticos; levando os alunos a uma visão mais ampla e crítica de como podemos viver a sexualidade com liberdade, responsabilidade e afetividade (BONFIM, 2012, p. 44).

Com isso, para uma proposta de educação escolar sexual emancipatória, iniciar problematizando discursos contidos nas músicas – como o da “novinha”, por exemplo – traz a proposta de contrariar o que é naturalizado por ela. Por meio desta ação, os/as estudantes são levados/as a questionar as relações de gênero contidas nestas músicas, oferecendo condições de identificar quando estão vulneráveis frente a situações de violência sexual que poderiam se instaurar em suas vidas.

Acreditamos, então, numa abordagem de educação sexual escolar que empodera crianças e adolescentes, cujo objetivo principal é prevenir que as situações de violência sexual se instaurem em suas vidas e que adquiram tamanha perversidade no espaço da formação pessoal e social deles/as, oferecendo, para tanto, condições de identificar e não omitir quando expostos/as a situações em que os/as agentes violadores/as podem representar riscos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir uma educação sexual emancipatória e autônoma na escola é um desafio na atualidade. A construção de um espaço adequado para a educação sexual – e que não faça parte de discussões polêmicas, qualquer que seja o teor da defesa – não se dá por meio do consenso em torno dos elevados índices de violência sexual que têm as meninas adolescentes como potenciais vítimas; ao contrário, há, socialmente, um movimento de instituições conservadoras que buscam tornar a educação sexual silenciada, afirmando que esse assunto não é da escola.

A promoção de uma educação sexual para meninas e meninos pode ser uma contribuição para que elas (eles) possam questionar, por exemplo, como são produzidas as verdades acerca das hierarquias de gênero nos diversos meios que abarcam efeitos de sentido. A nossa problemática argumenta a favor desta proposta, uma vez que as culturas do consumo tornam as ações de combate à violência sexual contra crianças e adolescentes completamente enfraquecidas, como vimos nas músicas aqui analisadas.

A partir da reflexão realizada neste texto, percebemos que as letras de música legitimam a prática da violência sexual contra os corpos infanto-juvenis, ao passo que fazem parecer “natural” essa forma de violência. Escutar músicas com o teor aqui apresentado e reproduzi-las pode gerar uma sensação de que as práticas violentas contra crianças e adolescentes são atitudes que não precisam de combate.

É fato que o número de casos de pedofilia tem aumentado no Brasil, assim são necessárias atitudes a fim de diminuir essa realidade. Para além de documentos que discutem o assunto, são urgentes práticas efetivas de luta contra essa atrocidade. Uma das maneiras propostas aqui é combater a violência sexual contra crianças e adolescentes refletindo (ou ao menos problematizando) músicas que fazem alusão a essa violência.

Artigo recebido em: 12/08/2017

Aprovado para publicação em: 23/03/2018

PEDOPHILIZATION AND SEXUAL EDUCATION UNDER THE PROBLEMATIZATION OF THE SO CALLED *LITTLE GIRLS*

ABSTRACT: Sexual violence against children and adolescents is a necessary discussion for the 21st century society. Propagated intensely by the media (internet, television and etc.), it leaves traumatic marks on its victims. We aim to discuss *pedophilization* as a practice that has different musical styles, as cultural artifacts, that legitimizes it. We use a bibliographical research, problematizing six lyrics of songs that, clearly, place the child and the adolescent – under the codename of ‘little girl’ (*novinha*) – as objects of desire of older people. We envision with sex education an alternative to move pedagogical strategies against the culture of consumption of the girls’ bodies.

KEYWORDS: Pedophilia. Empowerment. Sexual Education.

¿EMANCIPAR O NATURALIZAR? PEDOFILIZACIÓN Y EDUCACIÓN SEXUAL A PARTIR DE LA PROBLEMATIZACIÓN DE LAS *NOVINHAS*

RESUMEN: La violencia sexual contra niños y adolescentes es una discusión necesaria para la sociedad del siglo XXI, pues, al ser popularizada intensamente por los medios mediáticos (internet, televisión y etc.), deja marcas traumáticas en sus víctimas. Nuestro objetivo es discutir la pedofilización, observándola como una práctica compuesta por diferentes estilos musicales, utilizados como artefactos culturales para legitimarla. Hicimos uso de una investigación bibliográfica, problematizando seis letras de canciones que, visiblemente, denominan al niño y al adolescente - bajo el apodo de ‘novinha’ - como objeto de deseo de personas de más edad. A partir de la educación sexual, vislumbramos una alternativa para desarrollar estrategias pedagógicas contra la cultura del consumo del cuerpo de las niñas.

PALABRAS CLAVE: Pedofilia. Empoderamiento. Educación sexual.

NOTAS

1 A pesquisa de mestrado intitulada “Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil”, publicada em março de 2009 e de autoria de Maria do Rosário Nunes (2009), aponta o conceito de pedofilização.

2 Disponível em: <www.vagalume.com.br> . Acesso em: 1 mar. 2017.

3 Para maior entendimento sobre as práticas escolares de proteção à infância, ler Miranda, Oliveira e Maio (2013).

REFERÊNCIAS

- BONFIM, C. *Desnudando a educação sexual*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BRASIL. *Constituição* (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*. Brasília: SEJUSP, 1990.
- COSTA, M. C. O. et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/04.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.
- FALEIROS V. P.; FALEIROS; E. *Escola que protege: enfrentamento a violência contra crianças e adolescentes*. 2. ed. Brasília: MEC/SECADI, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- FELIPE, J. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, jan-jun, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- FURLANI, J. *O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos da educação infantil*. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- HENRIQUE E JULIANO. Vem novinha. In: *Vagalume: música é tudo*, 2013. Letra de música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/henrique-e-juliano/vem-novinha.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- HISGAIL, F. *Pedofilia: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- LANDINI, T. S. *O professor diante da violência sexual*. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCAS E ORELHA. Essa novinha. In: *Vagalume: música é tudo*, 2016. Letra de música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/lucas-orelha/essa-novinha.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- MAYCON E RENATO. Novinha. In: *Vagalume: música é tudo*, 2013. Letra de música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/maycon-renato/novinha.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- MC DON JUAN. Oh novinha eu quero te ver contente. In: *Vagalume: música é tudo*, 2016a. Letra de música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mc-don-juan/oh-novinha-eu-queiro-te-ver-contente.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- _____. Eu sou do corre. In: *Vagalume: música é tudo*, 2016b. Letra de música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mc-don-juan/eu-sou-do-corre.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

MINAYO, M. C. de S. Laços perigosos entre machismo e violência. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 01, p. 23-26, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

MIRANDA, A. C. T.; OLIVEIRA, M. de; MAIO, E. R. Abuso sexual infantil e escola: enfrentamento e intervenções pedagógicas. In: FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. *Anais...Florianópolis*: UFSC, 2013.

NUNES, M. do R. *Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil*. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

OLIVEIRA, M. de; MAIO, E. R. "Você tentou fechar as pernas?" – a cultura machista impregnada nas práticas sociais. *Revista Polêmica*, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 03, p. 01-18, jul./ago./set. 2016.

PEDRO PAULO E ALEX. As novinhas estão sensacional. In: *Vagalume: música é tudo*, 2015. Letra de música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pedro-paulo-e-alex/as-novinhas-estao-sensacional.html>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

PEREIRA, S. L. Recepção da música midiática – alguns aportes teórico-metodológicos para a reflexão sobre a escuta. *Ressonâncias*, Santiago, n. 33, p. 89-102, 2013.

POLAC, A. F. L. *Sentidos do corpo e das práticas corporais nas trajetórias de pessoas que sofreram violência sexual na infância e na juventude*. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

SCHREINER, M. T. O Abuso sexual numa perspectiva de gênero: o processo de responsabilização da vítima. In: FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Anais... Florianópolis*: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST41/Marilei_Teresinha_Schreiner_41.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

[SIPIA]. Observatório Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Sistema de informações para a infância e a adolescência*. 2017. Disponível em: <www.sipia.gov.br>. Acesso em: 01 mar. 2017.

XAVIER FILHA, C. Gênero e Sexualidade na infância: circulação de ideias na internet. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 22, n. 01, pp. 85-100, jul./dez. 2016.

FERNANDO GUIMARÃES OLIVEIRA DA SILVA: Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pedagogo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Supervisor de Proteção Social junto à Prefeitura Municipal de Ilha Solteira/SP e Professor da Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul (AEMS).
E-mail: fernando.ufms@hotmail.com

MÁRCIO DE OLIVEIRA: Doutorando, Mestre em Educação e Pedagogo pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Colaborador junto à Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paraná) e Coordenador Pedagógico junto à Prefeitura Municipal de Sarandi/SP. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX).
E-mail: marcio.1808@hotmail.com

ELIANE ROSE MAIO: Pós Doutora e Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado/Doutorado) junto à Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX).
E-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br
